



Ciência e meio ambiente:
urgências para o ensino
de jornalismo

22º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo
e IV Congresso de Jornalismo da Amazônia

De 25 a 28 de Abril de 2023

local: Universidade Federal do Amazonas (UFAM) - Manaus/AM



RELATO DE EXPERIÊNCIA

TÍTULO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO JORNALISMO

INDÍGENA: OFICINAS DE JORNALISMO NO PARQUE DAS TRIBOS

Camila Barbosa Oliveira¹ camilabarbosa.cbo@gmail.com
Gustavo J. S. de Medeiros² gustavojordansilveira@gmail.com
Isael Mundururu Franklin Gonçalves³ isael@direiroindigena.com.br
Milena Monteiro Soares⁴ miihsoares305@gmail.com
Mirna Feitoza Pereira⁵ mirnafeitoza@gmail.com
Sofia Castro Lourenço⁶ sofiacastrolourenco@gmail.com
Mirna Feitoza Pereira⁶ mirnafeitoza@gmail.com (orientadora)

RESUMO

Jornalismo indígena: oficinas de jornalismo no Parque das Tribos é um projeto de extensão vinculado a Universidade Federal do Amazonas (UFAM). O projeto tem por objetivo realizar oficinas de jornalismo na comunidade indígena Parque das Tribos, em Manaus, voltadas a favorecer o desenvolvimento do jornalismo feito pelos próprios indígenas e assim apoiar a inclusão do ponto de vista indígena na cobertura dos acontecimentos, bem como a preservação e a expressão da diversidade cultural e cosmovisão dos povos indígenas por meio do jornalismo produzido pelas diferentes etnias do Estado do Amazonas. A proposta do projeto é liderada pelo Mediação, Grupo de Pesquisa em Comunicação, Complexidade e Culturas, vinculado à Faculdade de Informação e Comunicação da UFAM, ao qual a maior parte da equipe está vinculada.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo indígena. Comunicação indígena. Ensino de jornalismo. Extensão universitária. Amazônia

1. INTRODUÇÃO

O projeto “Jornalismo Indígena: oficinas de jornalismo no Parque das Tribos” é uma ação de extensão da Universidade Federal do Amazonas realizada em conjunto

¹ Graduanda em Comunicação Social/habilitação Jornalismo na Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (FIC/UFAM). Integrante do Mediação - Grupo de Pesquisa em Comunicação, Complexidade e Culturas, como bolsista do projeto de extensão “Jornalismo Indígena: oficinas de jornalismo no Parque das Tribos”.

³ Presidente do Instituto de Direitos Indígenas (IDI) e da União dos Povos Indígenas de Manaus (UPIM) e ex-presidente da Comissão de Direitos Indígenas da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-AM). Graduado em Direito (Fametro, 2015), com pós-graduação em Direito Civil e Processo Civil pela Escola Superior da Advocacia Nacional.

^{2;4;5} Graduanda(o) em Comunicação Social/habilitação Jornalismo na Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (FIC/UFAM). Integrante do Mediação - Grupo de Pesquisa em Comunicação, Complexidade e Culturas, como voluntária do projeto de extensão “Jornalismo Indígena: oficinas de jornalismo no Parque das Tribos”.

⁵ Professora do curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal do Amazonas. Graduada em Jornalismo (Ufam), com mestrado e doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Coordena o projeto “Jornalismo Indígena”, parceria entre a Comunidade Indígena Parque das Tribos e a Ufam. É líder do Mediação — Grupo de Pesquisa em Comunicação, Complexidade e Culturas (certificado pelo CNPq).

com a Comunidade Indígena Parque das Tribos. Selecionado pelo Programa Institucional de Bolsas de Extensão da Ufam, o projeto reúne professores e estudantes do curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação da Ufam, do curso de Design da Faculdade Martha Falcão e jornalistas do coletivo Abaré — Escola de Jornalismo, sendo realizado com apoio da Prefeitura do Campus da Ufam, por meio do Setor de Transporte e Meio Ambiente.

O objetivo do projeto é realizar oficinas de jornalismo no Parque das Tribos, em Manaus, voltadas a favorecer o protagonismo indígena na prática do jornalismo; a apoiar a inclusão do ponto de vista indígena na cobertura dos acontecimentos e colaborar com a preservação e a expressão da diversidade cultural e cosmovisão dos povos indígenas do Estado do Amazonas por meio do jornalismo.

O projeto surgiu para atender a demanda da própria comunidade. O interesse no jornalismo encontra antecedentes no jornal comunitário “Folha Ouro Verde”, produzido por indígenas nos anos 2010 – 2011, no bairro Ouro Verde, entre os quais Danielle Delgado Gonçalves, da etnia Baré, e Isael Franklin Gonçalves e Ismael Franklin Gonçalves, ambos da etnia Munduruku, atualmente moradores da comunidade Parque das Tribos. Na época, o jornal era vendido nos pontos comerciais do bairro, a R\$ 1,00, e, segundo os indígenas, disputava a atenção dos leitores com os jornais populares editados pelas grandes empresas jornalísticas da cidade de Manaus.

Outra produção jornalística que inspirou a demanda dos indígenas pelo projeto foi o programa “Vida de Índio”, veiculado no ano de 2012 uma vez por semana na TV Cidade e, de forma complementar, no YouTube. Apresentado por Isael Munduruku, o programa retratava a vida dos indígenas residentes na cidade de Manaus.

A equipe do projeto “Jornalismo Indígena” é composta por 15 colaboradores, entre docentes, discentes, jornalistas e lideranças indígenas da comunidade. O projeto prevê a realização de nove oficinas, cada uma delas divididas em três encontros, sempre às sextas-feiras à tarde. O deslocamento do Campus Universitário da Ufam até a comunidade Parque das Tribos, localizada no bairro Tarumã-Açú, zona oeste de Manaus, é realizado pelo Setor de Transportes da Ufam.

Imagem 1: Lançamento do Projeto Jornalismo Indígena: oficinas de jornalismo no Parque das Tribos



Fonte: Camila Barbosa Oliveira/Jornalismo Indígena/Mediação-Ufam

O Parque das Tribos é o primeiro bairro indígena do Estado do Amazonas. Localizado no Tarumã Açu, ramal do Bancrevea, zona oeste da capital, foi oficializado pela Prefeitura de Manaus no ano de 2014. Estima-se que cerca de quatro mil pessoas morem no bairro, divididas em 700 famílias e 35 etnias, entre as quais Apurinã, Baniwa, Bara, Barassana, Baré, Dessana, Hupda, Kambeba, Karapãno, Kokama, Kuripako, Marubo, Miranha, Miriti Tapuio, Munduruku Mura, Piratapuia, SateréMawé, Tariano, Tikuna, Tukano, Tuyuka, Yurupari tapuio, Wanano.

3. DESENVOLVIMENTO

A primeira oficina ocorreu em outubro de 2022. Intitulada “Comunicação e Perspectivismo Indígena”, foi ministrada pela jornalista e professora Ivânia Vieira, do curso de Jornalismo da Faculdade de Informação da Ufam, em parceria com a jornalista da TV UFAM Renata de Lima. Por ser a primeira, teve como papel introduzir e estabelecer um relacionamento entre a comunidade e a equipe do projeto. Apresentou temas mais conceituais e teóricos, debatendo a comunicação do vista a partir da vivência e da cultura indígena, e como o indígena é retratado pela comunicação, mais especificamente o jornalismo. A oficina propôs as bases para a criação de um plano de comunicação na comunidade. A oficina contou com a

participação dos indígenas do Parque das Tribos, que analisaram as dificuldades no cotidiano da comunidade e propuseram ações que poderiam ser implantadas para melhorar a comunicação local.

Imagem 2: Indígenas discutem sobre comunicação na primeira oficina do projeto



Fonte: Camila Barbosa Oliveira/Jornalismo Indígena/Mediação-Ufam

Durante os encontros realizados na comunidade, as facilitadoras da oficina propuseram debates sobre conceitos que na cultura não indígena são postos como de conhecimento comum, mas que do ponto de vista indígena pouco sabemos o significado e amplitude para eles, como comunicação, comunidade, comum e informação.

Nossos objetivos nessa primeira atividade são estudar o perspectivismo indígena na comunicação; refletir sobre os atos comunicacionais indígenas; e apoiar iniciativas comunitárias indígenas em Comunicação a partir do perspectivismo dos povos indígenas. Dos ensaios, em seus primeiros passos, estão postos como desafio conjunto (FIC/UFAM-Comunidade Parque das Tribos) a construção de uma política de comunicação na e da comunidade, tendo o tecimento de um programa comunitário com suporte nas ideias do *bem-viver*. Estamos aprendendo juntas e juntos o que é fazer comunicação respeitando os perspectivismos indígenas, construídos por eles ao longo de 522 anos de resistência e resiliência a um modelo de desenvolvimento que se caracterizou pelas tentativas de eliminar esses povos e as suas culturas. Foram dias de intenso aprendizado que reafirmam a importância de pensarmos a comunicação amazônica e de percebê-la como um dos instrumentos fundamentais no enfrentamento à comunicação de matriz externa, dominante, autoritária, segregadora. (Ivânia Vieira, entrevista, 07/10/2022)

Os participantes da oficina compartilharam seus pontos de vista sobre os conceitos apresentados e fizeram a correlação deles com elementos de suas respectivas culturas e com hábitos compartilhados no bairro Parque das Tribos. Durante suas participações os indígenas deram destaque para a troca de informações

como comunicação e para a diversidade na comunidade evidenciada pela variedade de línguas e sobretudo para a comunicação não verbal estabelecida através dos grafismos, como destaca a comunitária Josilene Kayapó

Uma coisa que eu não entendo, mas eu gostaria de entender é referente às pinturas, pois cada pintura está expressando algo. Eu sou da etnia Kayapó, lá da Ilha de Marajó, mas não conheço meus parentes de lá. Mas eu sei que lá eles se expressam muito através da pintura. A mulher que tem filho é uma pintura diferente, a mulher solteira é uma pintura diferente, a casada... Quem chega sabe que ela é casada por causa da pintura. E isso é muito importante, quem sabe um livro, né, contando de cada etnia, de cada pintura o que é que significa. (Josilene Kayapó, entrevista, 07/10/2022)

Nesta oficina os indígenas tiveram o primeiro contato com conceitos e definições de termos do jornalismo como notícia, fake news, texto jornalístico. Os indígenas propuseram a realização de vídeos sobre a comunidade, relatando suas rotinas, dificuldades e os desafios que a comunidade enfrenta. Sugeriram a produção de um livro com o grafismo indígena para mostrar que não é só uma produção estética, mas uma manifestação de suas culturas e visões de mundo.

As oficinas têm mostrado como podemos explorar as nossas culturas, mostrar para o mundo quem somos nós e o que a nossa cultura significa para nós. Os participantes têm ficado bastante empolgados com essa oficina de jornalismo indígena, porque podemos ver o quanto podemos ser protagonistas e levar a nossa comunicação para fora da nossa comunidade, então, tenho visto que tem sido de grande valia para nossa comunidade (Daniele Baré, entrevista, 04/11/2022)

Em novembro foi realizada a segunda oficina, com o tema “Jornalismo Indígena: entrelaçamento de culturas”, com os professores e jornalistas Mirna Feitoza Pereira e Wilson Nogueira. Esta oficina também foi de introdução, portanto, teórica, abordando o jornalismo e a comunicação a partir da política, da cultura e a importância desta na comunicação com as sociedades não indígenas e indígenas.

O professor Wilson trouxe para discussão o conceito de política entrelaçado com o jornalismo. A comunidade discutiu sobre a história da política no Brasil e no mundo, além de refletir como as leis para os indígenas sempre foram feitas do branco para o indígena, com a participação mínima dos povos, reforçando, assim, a importância da inclusão dos indígenas tanto na política quanto nos meios de comunicação para difundir a luta dos povos originários no país.

Com a professora Mirna Feitoza Pereira, a oficina discutiu cultura, política editorial e projetos de comunicação protagonizados por indígenas. Além de dar continuidade a temas da primeira oficina, como a necessidade de criar uma política

de comunicação, a comunidade refletiu sobre a cultura como informação e comunicação, por meio das representações culturais que transmitem informação sobre cada uma das etnias do Parque das Tribos. Os participantes foram convidados a falar sobre os aspectos culturais que representam o seu povo, como a culinária, o grafismo, os rituais e os saberes de cada povo em sua relação com a natureza.

Durante o debate sobre os meios de comunicação nas culturas das diferentes etnias indígenas, Natália Cândido, da etnia Tikuna, conta que algumas comunidades usam os viajantes para transmitir recados para seus parentes e vizinhos, e que um sino dado por um padre era tocado para reunir as pessoas para reuniões importantes.

Nesta oficina, a estudante voluntária do projeto, Milena Soares, expôs os primeiros resultados do projeto de pesquisa e iniciação científica (Pibic) "Mapeamento das experiências de jornalismo indígena no Brasil", cujo objetivo é mapear os veículos de comunicação indígena no país, realizados por meio de podcasts e redes sociais, buscando inspirar os moradores da comunidade no trabalho futuro que eles vão desenvolver.

Na oficina seguinte, a terceira do projeto, os participantes tiveram as primeiras práticas, na oficina de Introdução às crônicas jornalísticas. Voltada para a produção de textos sobre temas cotidiano e relevante para os participantes na forma de crônicas, a oficina foi ministrada pela professora Ítala Clay de Oliveira Freitas, a professora abordou a escrita jornalística criativamente.

Para Danielle Delgado (entrevista, 03/02/2023), da etnia Baré, a produção de crônicas seria um importante meio de preservar as histórias, memórias e cultura de seus antepassados. “As histórias contadas por nossos, país e avôs, pelos antigos poderiam ser crônicas. Meu avô contava muitas histórias, se as tivessem registrado teria muitas histórias para contar e poderíamos saber muito mais coisas sobre nossos antepassados”.

Com a professora Ítala Clay, a comunidade trocou experiências sobre a importância das crônicas, tanto escritas como narradas. Como destaca a professora, “um gênero que busca dialogar com alguém, trazendo ideia de proximidade” (Ítala Clay Freitas, entrevista, 03/02/ 2023). No primeiro encontro da oficina, os indígenas

escreveram a primeira versão de seus textos e foram desenvolvendo-os durante os outros dois encontros.

A quarta oficina realizada, intitulada “A Produção da Notícia”, foi ministrada pela professora Mirna Feitoza Pereira e pela jornalista da TV UFAM Renata de Lima e abordou a matéria-prima do jornalismo: a notícia. No primeiro encontro, conduzido pela professora Mirna, o objetivo foi trabalhar a sensibilidade e a cognição jornalística diante dos acontecimentos, destacando o valor-notícia e os critérios de seleção da notícia. Os participantes analisaram notícias publicadas em veículos jornalísticos à luz desses conceitos e foram convidados a sugerir uma pauta que refletisse as demandas da comunidade indígena.

Imagem 5: “Qual é pauta, parente?”, como produzir conteúdo noticioso foi o tema da quarta oficina



Fonte: Camila Barbosa Oliveira/Jornalismo Indígena/Mediação-Ufam

Com a jornalista Renata de Lima os indígenas puderam praticar a produção da notícia no formato audiovisual, utilizando dispositivos como o telefone celular e fones de ouvido, ferramentas presentes no cotidiano de todos eles, e as fases de produção da notícia em vídeo, desde o planejamento e a estruturação do roteiro, até a edição e a divulgação do produto no formato audiovisual.

Incentivados a olhar para temas relevantes na e para a comunidade que podem virar notícias, os indígenas produziram, ao final da oficina, uma reportagem sobre algum aspecto do Parque das Tribos ou tema relevante para a causa dos povos originários.

Ministrada pela professora Sarah Batista, do curso de design da Faculdade Martha Falcão, com o tema “Oficina de Diagramação: Os Fundamentos do Design Editorial Aplicados na Construção de um Jornal Indígena”, foi a oficina realizada em março, esta sendo a quinta oficina das nove previstas.

Imagem 6: Na quinta oficina foi diagramada a boneca da capa do jornal da comunidade, Kabiá



Fonte: Camila Barbosa Oliveira/Jornalismo Indígena/Mediação-Ufam

A oficina teve como objetivo apresentar técnicas e fundamentos de design editorial para veículos impressos e digitais, além de ajudar a comunidade a pensar e desenvolver uma identidade visual para um jornal indígena. Os participantes foram instigados a pensar em elementos de suas etnias para que conversassem com os objetivos do jornal e como eles poderiam ir para as páginas dos jornais. Para a criação de uma identidade visual de um jornal indígena, além da escolha de cores, fontes e outros elementos, a comunidade sugeriu o uso de grafismos como um elemento de apoio gráfico que pode servir para reforçar a identidade da comunidade no jornal.

No final, da oficina os participantes criaram a boneca do jornal indígena usando a plataforma online de criação de design Canva, ela foi escolhida por facilmente acessada através do celular em um aplicativo ou por um computador com acesso à internet. Os indígenas tiveram contato com os princípios do design e treinamento em uma plataforma para desenvolverem o jornal, seja para distribuição impressa ou digital.

Dois projetos de iniciação científica estão vinculados ao projeto de extensão: “Diário de campo das oficinas de jornalismo indígena no Parque das Tribos”, e

“Mapeamento das experiências de jornalismo indígena no Brasil”, ambos selecionados pelo Programa de Iniciação Científica da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Ufam, sob coordenação da professora Mirna Feitoza Pereira.

Ao final de cada oficina matérias sobre o que aconteceu durante os três encontros são publicadas no site da Ufam, as matérias são escritas pelos discentes voluntários do projeto e revisadas pela discente bolsista e pela professora coordenadora. A divulgação das atividades do projeto também é realizada na rede social Instagram.

Atualmente o projeto “Jornalismo Indígena” possui suas ações e avanços divulgadas em publicações no perfil do Instagram do Grupo de Pesquisa “Mediação”, com o objetivo de fazer o projeto chegar a mais pessoas, não só alunos e professores do curso de jornalismo, como também de outros cursos e universidades pelo país, o perfil possui um cronograma de postagens sobre cada encontro realizado em cada oficina, contendo informações a respeito dos temas que foram tratados, quem foram os ministrantes e como foi a sua execução com os participantes. Além de ter publicações semanais informando antecipadamente sobre as oficinas, sendo também um convite a parte para aqueles no Parque das Tribos que tenham interesse em participar.

Manter a frequência semanal nas publicações está sendo essencial para que o projeto chegue a conhecimento de cada vez mais pessoas, assim como estabelecer uma identidade visual, visto que a internet está cada vez mais visual, é importante que as postagens não se percam entre as diversas outras no site.

No perfil do Mediação, a temática das postagens no feed são delimitadas principalmente pelo uso de diferentes cores, que resultam em um contraste evidenciando a divisão. Além disso, a diagramação dos posts é feita com o objetivo de proporcionar uma leitura rápida, mas que relate de forma didática os acontecimentos de cada encontro e a sua relevância quanto aos participantes do Parque das Tribos.

No Instagram, para que o perfil continue sendo mostrado na página inicial e continue sendo sugerido automaticamente pela própria plataforma para outras pessoas, é necessário aderir aos diferentes recursos disponíveis, como o reels e os stories, desse forma atraindo também o público mais jovem que forma a maioria dos usuários da rede.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Jornalismo Indígena” é uma ação de extensão vinculada à Universidade Federal do Amazonas que tem sido desenvolvida em conjunto com a comunidade indígena Parque das Tribos desde à sua formulação. A ação surgiu para atender a um anseio da própria comunidade, representada pelas lideranças indígenas Danielle Delgado Gonçalves, da etnia Baré, e Isael Franklin Gonçalves e Ismael Franklin Gonçalves, ambos da etnia Munduruku.

Embora envolva o conhecimento científico e técnico que pautam o ensino do Jornalismo na educação superior, as oficinas têm sido elaboradas e ministradas na escuta, no diálogo e na interação com a comunidade, considerando seus anseios, suas necessidades, seus saberes e ideais. Esta tem sido a principal orientação e o principal desafio da equipe desde o início do projeto.

Assim, não se trata de levar o ensino do Jornalismo para a comunidade indígena nos modos como ele se dá na Universidade. Trata-se, antes, de buscar construir a experiência junto com a comunidade, a partir de suas demandas, facilitando conhecimentos, técnicas, reflexões, análises, discussões em torno do Jornalismo e de áreas afins que colaborem com uma prática jornalística protagonizada pelos próprios indígenas e suas comunidades.

O projeto tem favorecido a aproximação do curso de Jornalismo da Ufam com a comunidade Parque das Tribos e também com outros coletivos de comunicação indígena. A experiência tem possibilitado algumas reflexões e resultados, como a possibilidade de conhecer o trabalho de coletivos de comunicação indígena já em desenvolvimento e a visão dos indígenas sobre o Jornalismo. Tal visão envolve a percepção deste como um caminho para conquistar seus espaços na sociedade e participar do debate público, apresentando suas pautas, suas demandas coletivas, suas causas, de defender o seu ponto de vista, tendo suas culturas e cosmovisões consideradas nas tomadas de decisão do poder público.

Isso fica evidenciado nos debates durante as oficinas realizadas no Parque das Tribos; na experiência anterior com o jornalismo comunitário dos indígenas Isael Mundururuku, Daniele Delgado Baré e Ismael Munduruku, realizado no Bairro Ouro Verde, em Manaus, e no trabalho dos coletivos de comunicação indígena Rede Wayuri de Comunicação Indígena do Rio Negro; dos Jovens Comunicadores Indígenas da Rede de Mulheres Indígenas do Estado do Amazonas - Makira E'ta, e tantas outras iniciativas semelhantes no Amazonas e no Brasil.

Portanto, como atividade de extensão, o projeto “Jornalismo Indígena” coloca a comunidade acadêmica do curso de Jornalismo da Ufam em diálogo com a comunidade indígena e com uma percepção do Jornalismo como uma possibilidade de solucionar problemas coletivos, visando construir, colaborativamente, a partir do ponto de vista e conhecimento de ambos, uma forma de comunicação e jornalismo indígenas que atendam aos interesses coletivos da comunidade indígena.